



ESTIGMA SOCIAL: A SEGREGAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS PERANTE A SOCIEDADE

DOS SANTOS, Valdirene Mendes ¹
DE LIMA, Luciana Aparecida²

RESUMO

Cabe ressaltar que na atualidade a sociedade encontra-se rodeada de estigmas; formas de rotular e discriminar indivíduos que não se encaixam em seus padrões. Uma classe muito afetada pelo estigma social é o das Mulheres negras que são rotuladas e inferiorizadas por cor e sexo. Esta pesquisa de natureza bibliográfica busca contribuir com um estudo que mostre os prejuízos psicossociais sofridos por estes indivíduos, para isso se investigou não apenas a origem, mas sim o significado do estigma em si, trazendo desde sua origem histórica, até o mercado de trabalho atual onde o estigma ainda se instaura, voltado as mulheres negras.

PALAVRAS CHAVES: Estigma Social, Segregação, Mulheres Negras.

ABSTRACT

At present society is surrounded by stigmas; labeling forms and discriminate against individuals who do not fit their standards. One class greatly affected by social stigma is that of black women who are labeled and inferiorized by color and gender. This research of bibliographic nature seeks to contribute to a study that shows the psychosocial damage suffered by these individuals, for that we investigated not only the origin, but the meaning of the stigma itself, bringing from its historical origin to the current job market. Where stigma still sets in, turned to black women.

KEYWORDS: Social Stigma, Segregation, Black Women.

INTRODUÇÃO

Ainda, na atualidade a sociedade encontra-se rodeada de estigmas, preconceitos e outras demais formas de discriminar e até mesmo rotular situações e indivíduos que não se enquadram em seus padrões, o estigma palavra esta que representa algo de mal,

Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral FAEF. E-mail: svalmendes041@gmail.com 1

Docente do curso de Psicologia da Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral FAEF. Email:lucalyma@hotmail.com 2

que deve ser evitado, uma ameaça ao social, ou seja, uma identidade adulterada por uma social; estabelecendo as categorias a que as pessoas devem pertencer e enquadrar-se ao padrão exposto. É visto pelas pesquisas que alguém que demonstra ser de uma categoria com atributos diferentes ou incomuns, não obtém muita aceitação do grupo social. Em algumas situações, o estigma pode transformar uma pessoa em perigosa e má, pois perde a visão de totalidade, transforma-se em um ser desaparelhado de potencialidades; esse sujeito é estigmatizado socialmente e anulado no contexto da produção técnica, científica e humana (MELO, 2005).

Por sua vez uma classe que sofre de estigma social, muitas vezes de forma sutil e até despercebidas, são as mulheres negras, não só por pertencerem a duas minorias, que já sofrem preconceitos como a de desqualificação sexual por serem mulheres, mas também a racial por sua cor de pele. A intenção deste artigo é abordar os dois maiores estigmas voltados à mulher negra, o da doméstica e o da mulher sensual, deflagrando os mecanismos informais que favorecem a manutenção de estereótipos negativos para esta categoria, com isso buscando descrever a dinâmica do estigma, demonstrando a participação da sociedade na manutenção e formação do mesmo (REICHMANN, 1995).

Esta pesquisa apresenta mais contribuições à área social, pois foca em estudo voltado a uma minoria que por muitas vezes é deixada de lado pela sociedade, sendo vista como cenário em que sofrem estigma. Portanto, o foco da pesquisa é esclarecer e apresentar as formas de segregação, caracterizados pelo estigma, indicando a importância de se fazer pesquisas voltadas para a categoria mulheres negras.

Para melhor sustentação das questões prescritas no trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, em artigos científicos encontrados em bancos de dados como Scielo, Biblioteca da FAEF, entre outros. As palavras chaves utilizadas foram, ‘estigma social’, ‘segregação’ e ‘mulheres negras’.

O ESTIGMA SOCIAL

Para entender melhor o assunto de como se forma o estigma é preciso ter entendimento sobre as representações sociais. As representações sociais são constituídas por um conjunto de explicações, ideias e crenças comuns a um determinado grupo de indivíduos (de uma interação social), não excluindo a questão da individualidade, como

uma de suas finalidades, as representações sociais tendem a tornar familiar algo que até então caracterizava desconhecido, com a possibilidade de classificar e dar nome a novos acontecimentos e ideias, ligando esses fenômenos a partir de uma gama de ideias, valores e até mesmo teorias já existentes que são aceitas no meio social. (PINTO *et al.* 2014).

O conceito estigma obteve ênfase na obra de Erving Goffman em 1963. Para Goffman o estigma social é definido como uma marca ou sinal que designa ao grupo social um status indesejado, de pouco valor e inadequado, que acaba por ser visto como inviável ao convívio social. As categorias analisadas por Goffman foram os manicômios, as prisões e os conventos, lugares sociais de segregação que fomentavam no imaginário social uma sensação de segurança e alívio por conta dos sujeitos que apartavam da sociedade. (SILVEIRA *et al.*, 2011). Desta forma, o estigma é visto como uma ferida difícil de ser curada, onde o estigmatizado é simplesmente delatado da sociedade por ser quem é.

O estigma acarreta importante impacto para a vida das pessoas ou grupos: danos sociais, marcas físicas e psicológicas. Na formação do estigma social, as características negativas têm sua atribuição não apenas pelo grupo externo, mas também internalizado pelos indivíduos que portam este estigma, influenciando diretamente suas crenças e ou sentimentos relacionando as características que atribuem aspectos negativos. Nas situações de saúde, o ato do estigma por vezes vem a ser mais prejudicial do que a própria doença. No âmbito da saúde coletiva, este processo de estigma ganha evidência quando é necessário desempenhar um diagnóstico, que várias situações acompanham rótulos vinculados a questões socioculturais (FURTADO; RONZANI, 2010).

Para melhor compreensão da formação do estigma social é necessário ter entendimento sobre as Representações Sociais. O autor Serge Moscovici, de origem Romena e naturalizado francês, desenvolveu o conceito de representação social (conceito este não aplicável apenas à Psicanálise, mas sim, a todas as áreas de conhecimentos). Em sua obra ganha marco por redefinir os problemas e os conceitos da Psicologia Social a partir do fenômeno das representações sociais, instituindo sobre sua representação simbólica e seu poder de construir o real (PINTO *et al.*, 2014).

Um dos principais objetivos das representações sociais é tornar familiar algo até então desconhecido, possibilitando a classificação, nomeação, categorização de ideias e

acontecimentos inéditos, com os quais ainda não havíamos nos deparado. Esse processo permite a, manipulação, compreensão e interiorização do novo, somando a teorias e ideias preexistentes, e assimiladas de aceitação pela sociedade. Sendo assim, é possível encontrar a lacuna entre o que se sabe e o que se existe, e a diferença que separa o real do imaginário e rigor simbólico (MOSCOVICI, 1978 apud PINTO *et al.*, 2014)

As representações atingem todos os públicos, ou seja, é uma inverdade que com o tempo, por uma afirmação grande de um grupo acaba que por se cristalizando e ancorando tornando-se uma verdade, Moscovici ressalta os conceitos de objetivação e a ancoragem. A objetivação se define como um momento em que o abstrato ganha sua transformação em concreto, ou seja, cristalizando as ideias objetivas. Esse processo permite buscar aquilo que era nulo, para o espaço ou universo existente conhecido (MOSCOVICI, 1978, apud PINTO *et al.*, 2014).

O processo de objetivação ocorre em três fases distintas:

- Seleção e contextualização: nessa fase, os indivíduos se apropriam do conhecimento utilizando critérios culturais, a partir de suas experiências e conhecimentos que o conjunto (grupo) já tem. Desse modo acontece uma construção seletiva da realidade; em uma sociedade nem todos têm acessos às informações, ou assim podendo os mesmos ter diferença em sua compreensão;

- Formação de um núcleo figurativo: o indivíduo busca a informações e dados que já possui para compreender aquilo que é novo;

- Naturalização dos elementos do núcleo figurativo: é nessa fase que o subjetivo se torna concreto, tornando-se quase palpável. Este conceito passa então a ser cristalizado e se tornando um elemento do concreto da realidade. O outro processo, a ancoragem, diz respeito a fase na qual uma ideia se configura para o contexto do familiar, sendo assim incluída na categoria de imagem comum. Desta maneira, acontece uma assimilação de imagens dadas pela objetivação, seguida de um aval simbólico. Esta ancoragem torna-se um processo de familiarização do novo, fazendo uma transformação para um conhecimento hábil vindo a influenciar outros, tornando-se e se revelando como uma verdade ao grupo (MOSCOVICI, 2003 apud PINTO *et al.*, 2014).

AS MULHERES NEGRAS E SUA HISTÓRIA DE LUTA NO BRASIL

Antes de falar da mulher negra, é preciso entender que o Brasil caracteriza como último país a abolir a escravatura, este acontecimento histórico, que parece longínquo, na verdade, fixou marcas profundas na sociedade brasileira. Para compreender isto, é preciso lembrar que o processo de abolição foi lento, angariando antes destes longos sofrimentos, dos transportes em navios negreiros, aos séculos de opressão, maus-tratos e tortura da população negra. Mas não podemos esquecer que o processo abolitivo foi falho em vários aspectos, especialmente no que diz respeito a inserção dos ex-escravos na sociedade livre, na oferta de empregos e na absorção geográfica das cidades. Assim, observa-se que a população negra, em grande parte, ainda se mantém segregada nas periferias, sofrendo com a ineficácia da educação brasileira, o que as leva a manter-se na realidade dos subempregos. (NUNES, 2006)

O processo abolicionista no Brasil, foi perpetuado ao longo de mais de um século, passou por fases e etapas que vão se ocorrendo ao tramas e contradições e conflitos entre os proprietários e seus representantes e os diversos atores a favor da extinção da escravidão. Nas décadas de 30 e 40 do século XIX travou-se um grande conflito entre Brasil e Inglaterra, a ponto de causar bloqueio do porto do Rio de Janeiro e o rompimento das relações destes (MENEZES, 2009).

Porém mesmo com prejuízos em suas relações internacionais apenas em 1871, houve uma grande vazante do movimento antiescravista. Era como o caminho da emancipação gradual de satisfação a todos, sendo em 1879, no início da sessão parlamentar, o tema volta a ser colocado em pauta levado por um deputado baiano, e professor da Faculdade de Medicina da Bahia e abolicionista, Dr. Jerônimo Sodré. A tônica do discurso é a denúncia da lei de 1871 como uma ferramenta de reforma vergonhosa e mutilada. A sociedade brasileira estaria vivendo sobre um vergonhoso vulcão e aos liberais caberia ir além do trabalho dos conservadores e declarando à nação que todos os brasileiros se eram cidadãos, deviam ser livres. Concluindo seu discurso com um apelo para a extinção total e rápida da escravatura (MENEZES, 2009).

Mudaram as aparências, porém em essência das relações sociais não mudaram, talvez se maquiaram. A visão do Estado para a situação do negro liberto sempre foi omissa: a discriminação, miséria material e a humilhação vivenciada pelos dois países afrodescendentes são taxadas à culpa deles mesmos, por meio de um esquema

ideológico que transforma o que é da esfera das relações de poder em algo natural, inerente à raça (NUNES, 2006)

A restauração do processo democrático no Brasil é ainda uma ação recente e permeada por várias brechas não resolvidas. Uma delas refere-se à permanência de condições adstritas, isto é, características imutáveis próprias a um indivíduo, como sexo e cor, a influenciar na definição das oportunidades de progressão na carreira, ingresso no mercado de trabalho, desempenho educacional, participação na vida política, acesso ao ensino superior (MOEHLECKE, 2002).

Para melhor se entender este aspecto de discriminação é necessário ser mais específico tentando entender onde isto surgiu, por sua vez foram várias e repetidas vozes buscando descobrir o que se quer dizer com especificidade quais os diferenciais entre as mulheres brancas e negras, demonstrou-se em alguns aspectos como a mulher negra é vista em nossa sociedade entendendo que o racismo constitui uma sintomática que constitui a neurose cultural brasileira (GONZALES, 1980).

Nesse sentido veremos que sua articulação com o sexismo cria efeitos de violência diante da mulher negra. O engendramento da figura da mulata sensual e da doméstica servil tem como base a figura da mucama do período escravocrata, em que está era relegada ao papel de empregada da família, por vezes, sendo ama-de-leite dos filhos do patrão, ou como a empregada que era obrigada a servir a este como amante, o que firma a questão do estigma em todos os aspectos até mesmo na sexualidade das mesmas (GONZALES, 1980)

O PROCESSO DE INTERNALIZAÇÃO DO ESTIGMA

Agora que se tem um entendimento sobre estigma social e uma leve pincelada da história da escravatura é necessário entender o prejuízo que se acarreta o estigma linchado com a história, pois o dano maior não quando a sociedade em sua ignorância aponta com o estigma e preconceito, mas sim quando sujeito apontado internaliza estes julgamentos. Em forma de estigma internalizado (FURTADO; RONZANI, 2010)

O estigma internalizado ocorre na medida em que o sujeito ganha consciência da sua condição e concordando com o estigma a ele imposto, adota os estereótipos e preconceitos a si mesmo. Isto acarreta um forte impacto pejorativo em termos

psicossociais e seu funcionamento social, e perde a esperança, autoestima e auto eficácia (FELICISSIMO *et al* 2013).

Em seu tratamento com a equipe multidisciplinar que não o vê como doente e sim como uma falha de caráter, talvez o dano mais preocupante é a internalização do estigma, que faz com que o sujeito acredite e viva o rótulo que lhe foi imposto e sugestionado. A estigmatização agrega forte impacto para a vida dos grupos e indivíduos e isso remete não somente de uma marca física, mas também em danos sociais e psicológicos (FURTADO; RONZANI, 2010).

Estigma internalizado e seus prejuizos:

Distanciaação da vida social

- ideias negativas sobre si mesmo

Sentimento de culpa pela falta de aceitação

Reações afetivas negativas

- Conformismo com discriminação

Mercado de trabalho:

Notório observar que perante o mercado de trabalho na luta por uma vaga, a uma grande análise, porém não só de um currículo com habilidades, mas para seguir um padrão de comportamento e até mesmo de beleza, e por uma busca de aceitação e padronização a uma grande influência que vai além de simplesmente fonte de lazer, tornando-se um lugar de extremo poder no que diz respeito à produção e à manutenção de uma série de valores, e representações relacionadas a um aprendizado rotineiro sobre quem nós somos (FISHER, 2000). As mídias exercem forte influência sobre a manutenção do estigma, ao colocar os negros em situação “menos favorecidas”, subalternos e marginalizados.

Em muito se observa o quanto este estigma atinge não só na vida emocional, mas também no profissional dessas mulheres, que por vezes por suas etnias, são taxadas como objetos, realmente rotuladas por serem negras, mulatas, tendo o estereótipo categorizado como: A negra, mulata bonita, boa sambista, de corpo violão, de bundinha arrebitada, sedutora, sensual, mas esse imaginário não implica apenas em uma representação estereotipada da mulata brasileira, ele também produz, principalmente, uma representação moral, sexual e sexista da mesma. Segundo Gilberto Freyre (1936):

O bom senso popular e a sabedoria folclórica continuam a acreditar na mulata diabólica, superexcitada por natureza [...] por essa superexcitação, verdadeira ou não, de sexo, a mulata é procurada pelos que desejam colher do amor físico os extremos de gozo, e não apenas o comum.

Por esses estereótipos muitas vezes essas mulheres são confundidas com prostitutas, apenas por deterem de uma etnia de pele mais escura, o que causa constrangimento, construção da identidade da mulher negra ou mulata, como a de qualquer identidade social, não passa apenas pela afirmação de características e atributos compartilhados por um grupo em comum; o que faz o é também o estabelecimento das fronteiras que demarcam esse grupo de grupos percebidos como

próximos, vizinhos, e por isso mesmo ameaçadores daquela identidade em construção. No caso da mulata (ou negra) a fronteira a ser marcada e defendida é aquela que limita o seu grupo do grupo das prostitutas, ganhando significado que essa identidade esta rodeada de perigos, de ameaças de diluição (GIACOMINI, 2006).

Em termos estáticos, não bastando a rotulação e por isso na grande maioria as mulheres ocuparem cargos mais baixos, dados apontam que a taxa de desempregos da mesma é muito maior do que de outras classes, a falta de emprego entre mulheres e negros é muito superior à de homens e caucasianos e a taxa de desemprego das mulheres negras chega a quase ser o dobro da dos homens brancos. Persistem também evidentes diferenciais de remuneração no mercado de trabalho brasileiro relacionando ao sexo e à raça/cor dos sujeitos. Os rendimentos das mulheres são significativamente inferiores aos dos homens, mesmo quando que por vezes exercem e pertencem inclusive a níveis similares de escolaridade. Por hora trabalhada, as mulheres detêm, em média, 79% da remuneração média dos homens (sendo, 21% a menos) e os trabalhadores negros (homens e mulheres) recebem em média apenas metade (50%) do que recebem o conjunto dos trabalhadores caucasianos do mesmo sexo. Por sua vez, as mulheres negras adquirem apenas 39% do que são remunerados os homens brancos (sendo, 61% a menos). Pensando em termos mensais, essas diferenças são ainda mais agressivas: as mulheres detêm 66% do que remuneram os homens, os negros 50% do que detêm os brancos, e as mulheres negras apenas 32% do que recebem os homens caucasianos (ABRAM, 2006).

Os rendimentos dos negros são notoriamente inferiores aos dos brancos, mesmo entre aqueles que pertencem ao mesmo nível de escolaridade. Em cada uma das faixas consideradas, inclusive entre aqueles que têm estudos pós-secundários, ainda assim os negros são remunerados aproximadamente 30% a menos que os brancos. E comparando mulheres negras com homens caucasianos ambos com faixa de mais de 11 anos de estudos, elas detêm 46% apenas, comparado do que recebem brancos do sexo masculino por hora trabalhada, com isso se faz necessário um aprimoramento, seja em ensino superior para que estas mulheres possam lutar para uma maior igualdade de salários (ABRAM, 2006).

Mulheres negras no Ensino Superior:

A literatura tem mostrado que à um acesso desigual, na conclusão e na progressão para as etapas da educação básica e ensino superior são marcadas também pela cor/etnia dos estudantes: indicadores educacionais encontrados para negros estão muito além dos observados para brancos. Diferenças importantes entre indicadores educacionais de negros e brancos são observadas desde o início do sistema educacional brasileiro, devendo ser estudadas na interação com outros marcadores sociais como sexo, região, renda e faixa etária e moradia (ROSEMBERG; MADSEN,2011).

Taxa bruta de matrícula (%)

	1988	2008	Variação (%)
Mulheres brancas	12,4	39,9	221,7
Mulheres negras	4,1	20	387,8
Homens brancos	12,3	31,7	157,7
Homens negros	3,1	13	319,3

Nota: tabela de matricula de ensino superior no Brasil no período de 1988 a 2008
Fonte: Elaboração com base nos dados apresentados por Paixão (2010, p. 227).

De acordo com os estudos do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), se o índice de educação brasileira continuar perpetuando no mesmo ritmo, em treze anos

a população de brancos alcançaram a média de oito anos de estudo e os negros só atingirão essa mesma ênfase daqui a 32 anos. Partindo disto, só em três décadas brancos e negros obterem o mesmo pé de igualdade para concorrerem a uma vaga no ensino superior público. Com isso, o Brasil arcaria com o dano de perder os talentos de mais uma geração de estudantes negros (CARVALHO; SEGATO, 2002).

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O foco desta pesquisa foi investigar o estigma social, atribuído as mulheres negras. O levantamento bibliográfico realizado propiciou afirmar que o estigma social acarreta danos prejudiciais, destrutivos e em muitas vezes até permanentes no desenvolvimento psicossocial dessa população.

Buscou-se, inicialmente, no primeiro capítulo, esclarecer a origem do estigma social; este se origina nas representações sociais com base sócio histórica, uma vez que uma ideia individual quando lançada é aceita pelo grupo, que utiliza das experiências culturais para tornar o que era abstrato em real. É o que se percebe na situação das mulheres negras: o pensamento de interiorização e sexualização se torna verdade para a sociedade, trazendo à tona figuras de antes como mucama, ou mesmo a sexualizando, rotulando este grupo.

Em outro ponto foi realizada a demonstração histórica de como este grupo vem lutando e sendo afetado, por uma histórica corrompida e longa de sofrimento e segregação que mesmo na atualidade ainda colhe suas mazelas.

Mostrando que mesmo na atualidade, o estigma sofrido no mercado de trabalho é notório, seja pelo modo que se enxerga a negra, para servir papéis mais baixos como de doméstica, ou a sexualizando e até mesmo quando tem um ensino superior, porém ainda assim com salários inferiores.

Sendo assim baseado nos dados colhidos, é possível concluir que sim existe um grande prejuízo para esta população de mulheres negras, devido a esta rotulação de estigma social por elas sofrido, partindo de padrões históricos que se perpetuam na atualidade, pois trata-se de um prejuízo histórico perante a escravatura e a fusão dessas duas minorias a da etnia negra e das mulheres, o que alastra ainda uma grande indagação será que se deve enxergar esta junção de duas minorias como apenas vítimas,

ou como também uma classe de guerreiras por permanecerem firmes perante a tantos prejuízos históricos , rótulos, e estigmas que a sociedade coloca diante das mesmas.

Cabe salientar que enquanto profissional de psicologia a pesquisa torna-se relevante pois contribui para uma maior compreensão das relações étnico-raciais no Brasil, tendo assim o profissional de psicologia um grande desafio, exercendo um papel de suma importância na superação das desigualdades étnico- raciais.

REFERÊNCIAS

ABRAM, L. Desigualdades de gênero e raça no mercado de trabalho brasileiro. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 58, n. 4, p. 40-41, Dec. 2006. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 de outubro 2019.

CARVALHO, J, J. SEGATO, R. **Cotas para estudantes negros no Brasil**. site Fórum de Antropologia do/no Brasil. Disponível em: <http://listhost.uchicago.edu/mailman/listinfo/ant-br>. Acesso em: 04 de outubro de 2019.

FELICISSIMO, F, B. et al. Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo, SP, jan.-abr. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n1/10.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2019.

FREYRE, G. **Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

Fischer RMB. Mídia e juventude: experiências do público e do privado na cultura. **Cad. Cedes** 2000

FURTADO, E, F; RONZANI, T, M. **Estigma social sobre o uso de álcool**. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Departamento de Psicologia. Universidade de São Paulo, Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (FMRP-USP), Departamento de Neurologia, Psiquiatria e Psicologia Médica, 2010.

GIACOMINI, S, M. **Mulatas Profissionais: raça, gênero e ocupação**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Estudos Feministas, Florianópolis; Abril.2006

GONZALES. L. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira** ;1980

MELO, Z. M. de. **Os estigmas: A deterioração da identidade social**; Nov.2005 Disponível em: <http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf>. Acesso em: 15.março.2019

MENEZES, J, M, F. Abolição no Brasil: A construção da liberdade. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.36, p. 83-104, dez.2009

MOEHLECKE. S. **Ação afirmativa : Historia e debates no Brasil**; Nov. 2002
Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/cp/n117/15559>. Acesso em: 28 de setembro de 2019

NUNES, S.S. Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita. **Psicol. USP**, São Paulo , v. 17, n. 1, p. 89-98, Mar. 2006 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 26 de Agosto de 2019.

PAIXÃO, M (Org.). **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil: 2009-2010**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

PINTO,D.A.O *et al* . **A teoria das representações sociais** . Revista eletrônica Unifa, 2014Disponível em : http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2014/teoria_representacoes.pdf , Acesso em: 11 de setembro de 2019

REICHMANN, R. **Mulher Negra Brasileira um Retraro**; Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br>. Acesso em: 12 de agosto de 2019

ROSEMBERG, F. MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. *In*: BARSTED, L. L.; PITANGUY, J. (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: Cepia; Brasília, DF: ONU Mulheres, 2011. p. 390-424.

SILVEIRA, P. S.; MARTINS, L. F.; SOARES, R. G.; GOMIDE, H. P.; RONZANI, T. M. **Revisão sistemática da literatura sobre estigma social e alcoolismo**. **Estud. psicol.** (Natal), Natal , v. 16, n. 2, Aug. 2011.